

Recebe-se artigos e desenhos dirigidos á publicação do «Cabrião» no escriptorio da rua Imperatriz n. 20, onde assigna-se e vende-se este jornal. O escriptorio está aberto ás Domingos, 2.^{as} e 5.^{as} feiras.

ANNO I.
N. 31
Publica-se aos domingos.

PARA A CAPITAL.	PARA A PROVINCIA.
Trimestre . . . 5\$000	Trimestre . . . 6\$000
Semestre . . . 9\$000	Semestre . . . 11\$000
Anno . . . 17\$000	Anno . . . 19\$000

Avulsos 500 rs.—Pagamento adiantado.



- Então, Pipelet, como achas este meu Tibyriça ?
 —Muito bom. Mas para que aquellas commendas e teteias ?
 —Porque sem ellas ninguem acreditaria que fosse este o famoso e valente heroe decantado pela Historia Brasileira.
 —Mas aquillo fica tão mal cabido em um guerreiro de outros tempos !
 —Que queres ! é ridiculo, mas é moda ! Estamos na quadra em que não se conhece mais os homens pelos seus actos e valor, mas sim pelos bordados da cazaca...

CABRIÃO

SÃO PAULO 5 DE MAIO DE 1867.

A patria de Amador Bueno voltou ao estado de paz e quietação.

Não quer isto dizer que voltaram os dias risonhos, a felicidade, e o doce viver em outros tempos costumeiro e habitual aos bons paulistas.

Se desapareceu o tenebroso furacão que á todos assustava, se a trovoadá já não estronda os ares, e a ventania não mais sibilla nas grimpas do edificio social; é certo, entretanto, que ainda continúa carregada e sombria a atmosphera, e que o sol annuviado e tybio mal alumia com seus pallidos reflexos os rostos sem sorriso que consultam attentos as dobras escuras do horisonte

E' que o povo tem o infallivel presentimento de que suas desventuras subsistem

Sabe ao certo, porque sabe-o pelo sentimento intimo, que a calmaria não é a ventura e a felicidade; e que estão bem longe os elementos de verdadeiro goso e tranquillidade social no modo de viver á que acha-se sujeito.

Em todo caso o povo paulista é um povo feliz!

Falta-lhe tudo, mas resta-lhe ao menos a virtude da resignação.

Sabe a fundo a arte de soffrer!

Conhece o segredo de dormir e sonhar no meio das dores e do soffrimento!

E não é isto uma preciosa virtude?

Para que lamentos depois das dores e das lagrimas?

A resignação vale mais.

O povo deve ser sensato.

Deve ser ajuizado e prudente.

Deve dar graças ao céo por encontrar uma occasião de mostrar esta tão rara e valiosa qualidade aos olhos do mundo.

Soffre e resigna-se hoje, para ter amanhã os applausos da posteridade.

E a posteridade hade applaudil-o, e inscrevel-o na historia sob a epigraphie:—PRUDENTE.

Instrucções Secretas dos Padres da Companhia de Jesus.

CAPITULO XVI

DO MODO PORQUE HAVEMOS DE MOSTRAR EM PUBLICO,
QUE DESPREZAMOS AS RIQUESAS.

Para que os seculares não notem em nós-outros nimio affecto ás riquezas, convirá muito renunciar algumas vezes, as esmolas de pouco valor, que se offerecem á Companhia, ainda mesmo por aquelles que nos são affectos: convém pois, acceitar as minimas esmolas, para que tambem nos não notem de avarentos, vendo que só acceitamos, e admittimos as de maior monta. Hade-se negar sepulturas a pessoas vis. em nossos templos, ainda que ellas tenham sido affectas á Companhia; para que não pareça que andamos á caça de riquezas, e dos beneficios que dos mortos temos recebido.

Com as viuvas e outras pessoas, que derem muitas cousas á Companhia, se hade tratar com muita resolução e acrimonia, em certo modo, mais do que com nós-outros; para que não pareça que as favorecemos, attendendo aos bens temporaes que nos tem dado. Tambem convém executar o mesmo com os que estão na Companhia; porém hade ser depois que fizerem cessão á Companhia de seus bens. Se for conveniente, serão lançados fóra, porém com circumspecção, para que ao menos deixem parte do que haviam dado á Companhia; ou quando morrerem, deixem bom legado em seu testamento para a Companhia.

(Continúa)

Gazetilha.

TUDO VAI A MELHOR.—As venturas que chovem

sobre a capital paulistana, como o maná no caminho do povo hebreu. augmentam-se todos os dias.

Só faltava á seus habitantes alguma cousa que lhes fosse como providencia para o maldito flagello dos callos, e essa mesma appareceu na pessoa do famoso cirurgião-chiropedista da Casa Imperial, que, á pedido de varias famílias, veio passar 10 dias em S. Paulo.

E' preciso saber o que vale a mal aventurada desgraça de possuir boa meia duzia de callos, para poder-se avaliar o prazer de ficar sem elles mediante a quantia de 10\$000 rs. por cabeça.

Esta felicidade é tão intensa que, no presente, o que mais almeja um bom e legitimo paulista é ter callos, porque esta é a condição essencial para que possa dar-se ao prazer de ficar sem elles por um processo cirurgico-chiropedista.

O que é pena é que tão famoso bemfeitor da humanidade fique unicamente por 10 dias em S. Paulo.

QUADROS VIVOS.—Os quadros vivos da companhia Keller continuam a fazer as delicias dos paulistas.

«Frenez e desespero» são termos frios e incompletos para pintar o sentimento extraordinario da população por esse genero de espectaculos.

O facto ha tomado um character tal que já vai causando serios cuidados á policia.

Esta receia que a população endoideça, levando o seu prazer e a sua soffreguidão ás ultimas raias da monomania, e já tem tomado medidas preventivas para evitar as incalculaveis consequencias do extranho caso.

E á nosso ver é este um passo de profunda e sabia providencia. Os excessos, mesmo os chamados innocentes, são sempre synonymos de desatino.

O que é certo é que os expectaculos da companhia Keller dão dous beneficios bem distinctos: um consiste em ver-se os seus quadros vivos; outro em ver-se no theatro muita gente que ali nunca foi desde que o theatro é theatro: gente esquiva, que em materia de espectaculos só conhece o que diz respeito as procissões e aos enterros, e que por consequencia parece completamente alheia ao habito de gastar cobres para divertir-se.

Se o theatro é um fóco de civilização, é força con-

fessar que o sr. Keller, pelo facto da exhibição de seus quadros vivos, vai tirando do estado de barba-ria grande numero de pessoas.

Recommendamos ás recompensas da patria este serviço importante, prestado á população pelo citado artista.

PLATÉA DE S. JOSÉ.—Não dezejamos que esta gazetilha dê azo á scenas de heroicidade, e por isso desde já declaramos que d'esta vez não nos referimos á esta ou áquella duzia de espectadores.

Referimo-nos á platéa em pezo, a platéa em geral, á platéa—una.

E' nosso intento registrar uma observação que suggerio-nos a exposição dos Quadros Religiosos da companhia Keller.

Pelo que temos presenciado, estamos na firme convicção de que a platéa do theatro de S. Paulo é composta de pessoas cujo comportamento nem podemos qualificar, por isso mesmo que lembramo-nos de que são educadas sob os auspicios da civilização christã!...

Quem teria pensado que semelhante cousa acontecesse em uma capital como esta!...

Não é de balde que os Barbadinhos choram sobre a desmoralisação que lavra no seio da população paulista!!

Entretanto o publico vio, o publico ouviu, e assistio ao que hoje nos preoccupa!

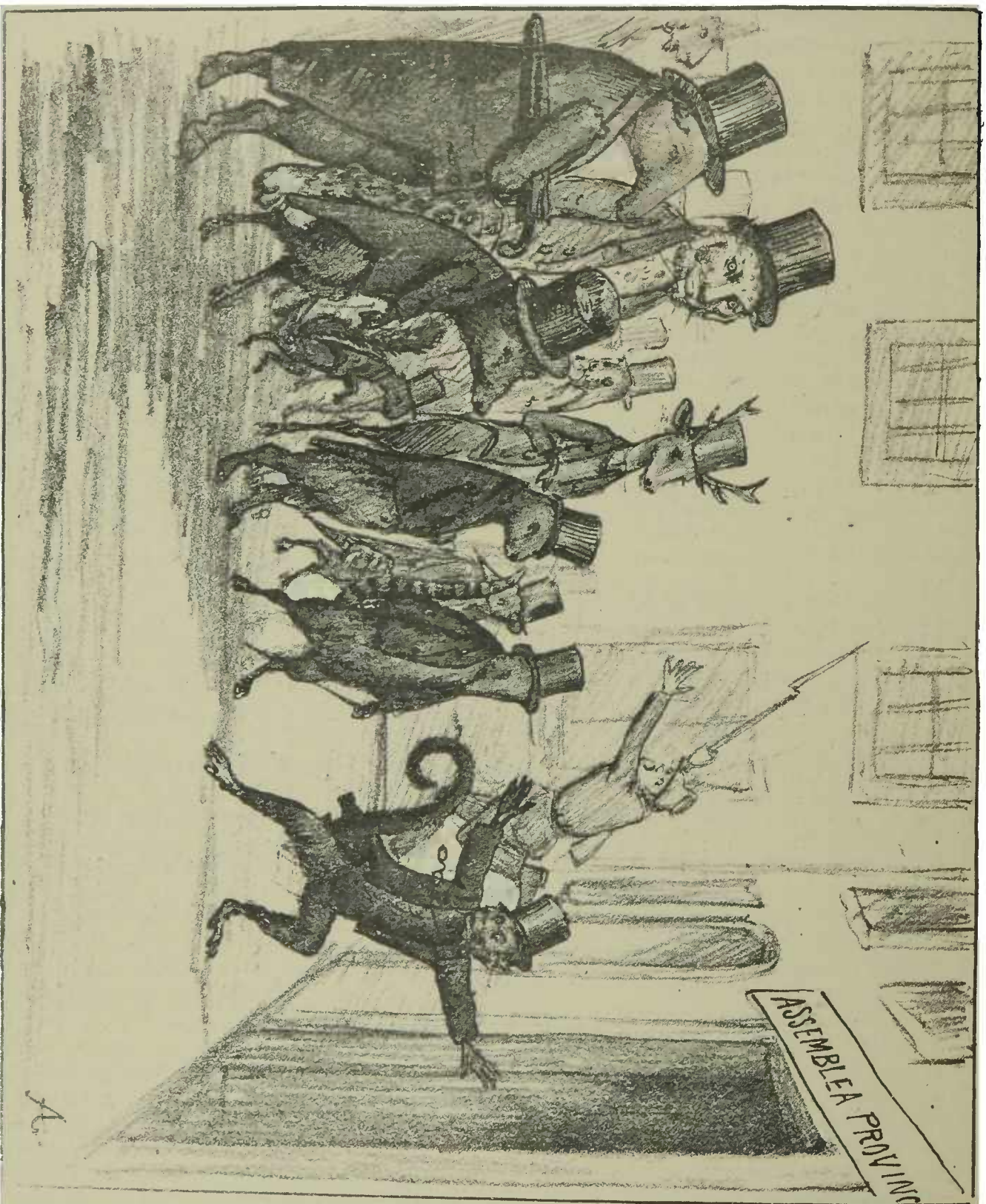
Entretanto, são disso testemunhas as familias que frequentam os espectaculos, e nem mais é possivel envolver o facto no escuro véo do esquecimento!...

Com pezer somos obrigados a narrar-o; e se o fazemos é para que estas linhas sejam um incentivo de arrependimento sincero para seus autores.

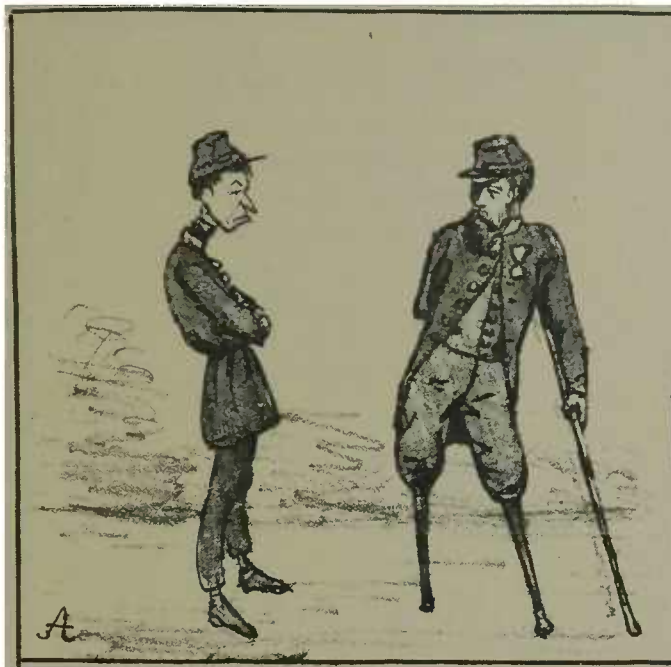
Não ha recuar, devemos dizel-o: á nossos olhos a platéa do theatro de S. Paulo, ao que parece, compõe-se unicamente de phariseus!

Se o não são, o que é que significam as palmas estrepitosas que erguem-se de todos os bancos, quando apparece em scena o pungente e doloroso quadro de Christo crucificado?!!!

Applaudir semelhante facto não é ser complice d'aquelles que o praticaram?...Horror!!!

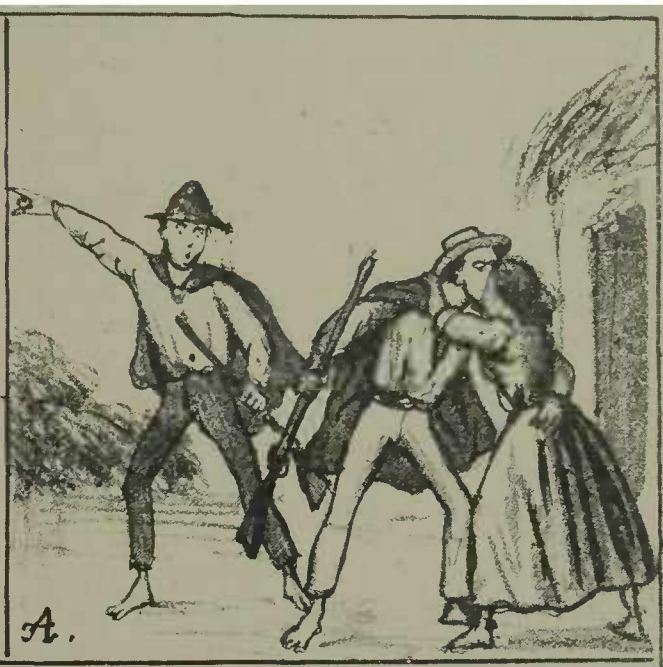


—Entremos Vamos pedir aos srs. deputados que intervenham com o governo para que se acabe a guerra, que nos faz tar lo soffrer. Protestamos pelas violencias que contra nós praticam os recrutam e designados que andão refugiados em nossos matos! Que direito tem elles de perseguir-nos? por acaso somos Paraguayos?... Não! nós somos Brasileiros! nossos direitos devem ser respeitados e garantidos na fórma de Constituição do Imperio!



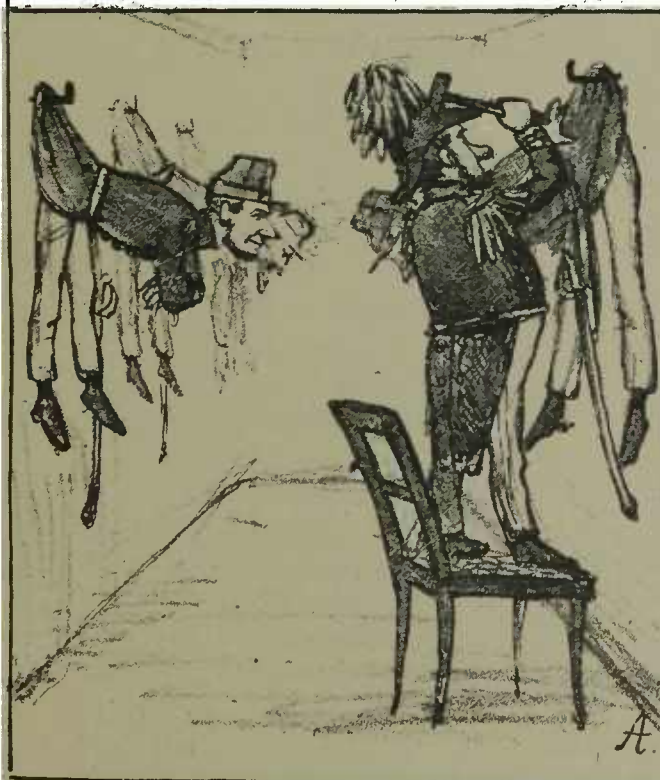
A

—Então, estás com medo de marchar para a guerra? Deixa-te de sustos! Lá nem todos morrem... não estás vendo que estou eu de volta?...



A.

—Tem paciência, mulher; em tempo de guerra é preciso fazer-se sacrificios, deixar a familia... e andar fugido pelo matto...
—Vamos! vamos! que a escolta não tarda!...



A.

Officiaes no prego.

—Tenham paciência, meus amiguinhos; isto vem de roda; tambem hade chegar a minha vez!



A.

—Se continuam a suspender os officiaes, podemos ter esperança de chegar á commandantes em poucos dias!

Lastimamos sinceramente que almas christãs tenham-se deixado endurecer á tal ponto!

Para que tamanho crime seja espiado, é urgente que todos os seus autores vão quanto antes prostrar-se ante o confissionario dos Barbadinhos e ahí depositar o pezado fardo de suas culpas.

Somente a mão piedosa de tão santos Levitas pode derramar sobre taes feridas o balsamo sicatrizador do sincero arrependimento e do perdão!...

NÃO É IMPOSSIVEL.— Corre na terra, que as beatas andam de porta em porta com uma subscrição para mandarem tirar o retrato do artista Keller, de tamanho natural.

Isto para significarem ao artista o respeito e veneração em que por ellas è tido, em razão do bem que representa a figura do Christo nos seus Quadros Religiosos.

Algumas das taes já tem manifestado o desejo de verem aquelle artista no seu papel em plena procissão.

E' lembrança propria de tão beatissimas e piedosas alminhas.

ESPADA VIRGEM.—O «Tribuno de Pernambuco,» occupando-se da guerra, diz as seguintes palavras, que dão azo á largas considerações politico-historicas:—Caxias baila. A sua espada virgem não será deflorada.

Aquelle jornalzinho pernambucano pretende rezumir n'essas poucas palavras o presente e o futuro da guerra em que acha-se empenhado o paiz.

Terá razão? Estará n'isso a verdade?

Eix ahí questões de que depende a honra nacional; e das quaes não nós consta que estejam descubertas as necessarias respostas.

O ACTOR GRAÇÁ.—Está na terra este actor, notavel no genero comico.

O «Cabrião» o sauda.

O Comilão do Baile

Se os poetas celebraram
Do nosso baile a rainha,
Tao bella, que o throno tinha
Dos homens no coração.
Vou cantar ao som da lyra
Novo assumpto, que me inspira
D'esse baile o comilão.

Dos gastronomos o rei
Ah! foi elle tão sómente;
Ninguem atolava o dente
No prato com mais nobreza;
Fôra monarcha perfeito,
Se o comer dêsse direito
De alcançar a realleza.

As harmonias do baile
Pelos echos se internavão;
Mil perfumes ondulavão
N'esse brilhante salão;
Mas elle nada sentia
Só no prato consistia
Seu amor, sua affeição.

Com que garbo e magestade
Dava que fazer aos queixos;
Que parecião nos eixos
Desconcertar-se a comer!
Que nobre orgulho que tinha,
Destroçando uma gallinha
Que os mais só poderam ver!

Com ardor admiravel
A fronte sua inclinava
Sobre a mesa, e namorava,
A um tempo tudo o que via;
O seu sceptro fulgurante
Era o immenso trinchante
Que mil destroços fazia.

Bem como a fouce da morte,

A todos movendo guerra,
Despedaça e põe por terra
Os mais enormes colossos;
Seu talher nas mãos ligeiras,
Cortando as peças inteiras
Só deixara os tristes ossos.

Como o tubarão faminto
Abria as enormes gúelas,
Sem se importar com as bellas,
Sem dar attenção á dança;
As emoções de seu peito
Cedião pleno direito
Aos gosos d'aquella pança.

Seu mundo se resumia
N'essa funcção delectavel;
Era um abysmo insondavel
Esse estomogo voraz;
Em abono da verdade
Comia mais que um abbade,
Que só come e nada faz.

Era-lhe orchestra o tinido
Dos pratos amontoados;
Era o cheiro dos assados
Seu perfume seductor;
A todos ganhando a palma
Só tinha gula e não alma,
Tinha fome e não amor.

Dos gastronomos o rei
Ah! foi elle tão sómente;
Ninguem atolava o dente
No prato com mais nobreza;
Fôra monarcha perfeito
Se o comer dêsse direito
De alcançar a realenza.

(JULIO AMANDO DE CASTRO.)

O CÃO DO POBRE.

(CONTO MORAL)

Um parochio virtuoso
Da congrua da freguezia
A parte que em sobras punha,
Com os pobres repartia.

Dos casaes a todo o chefe
De pães tal numero dava,
Que a cada uma pessoa
Egualmente um pão tocava.

Mas vendo que certo pobre,
Sendo unico, dous pedia,
Suppondo ser enganado
Um só pão lhe conferia.

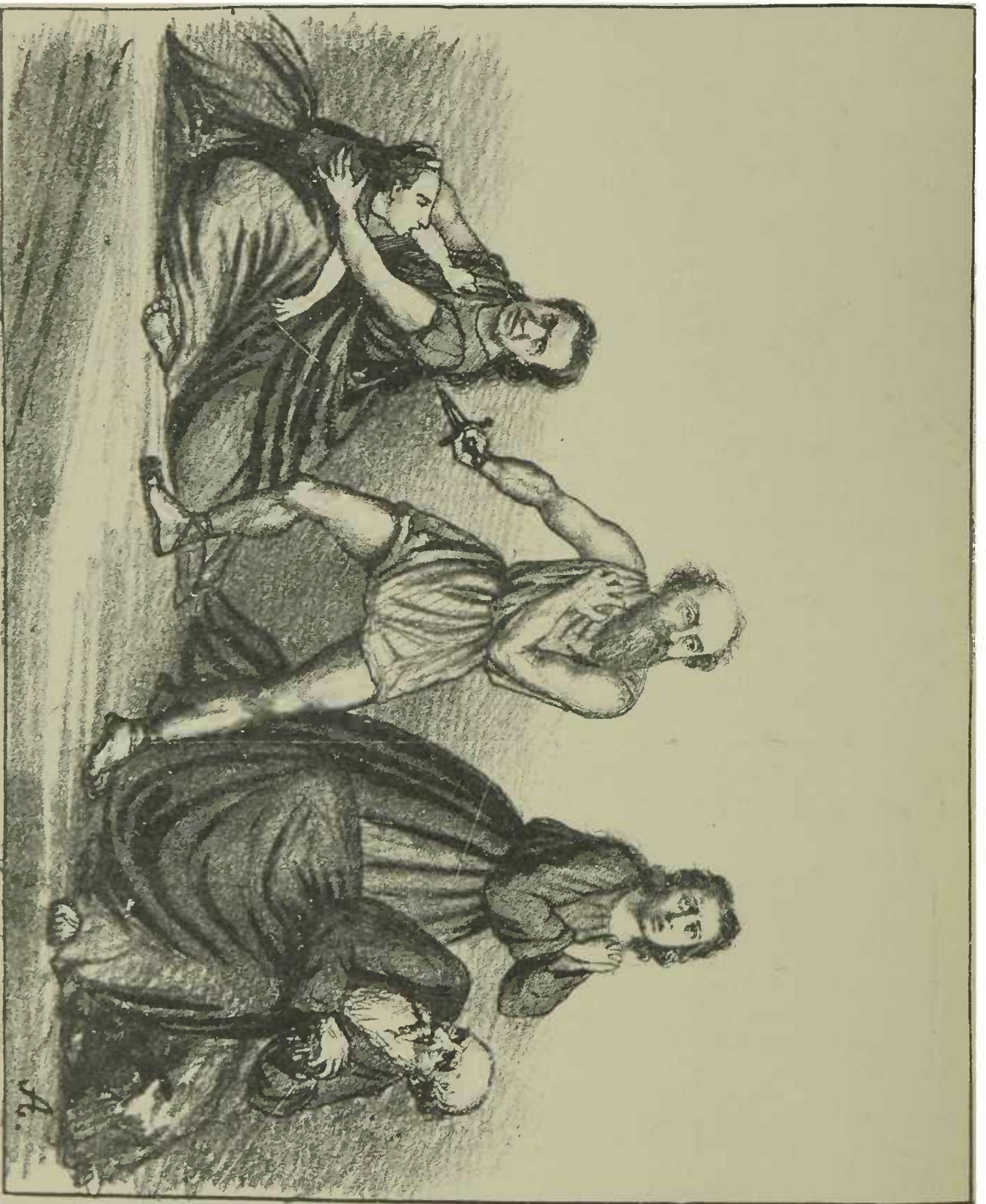
« Somos dous, » mui reverente
O pobre lhe disse então:
« Sois unico, » diz-lhe o cura:
Torna-lhe o pobre « e o meu cão ? »

« Deitai-o fóra » lhe ordena,
Modestamente severo;
« Favoreço os racionaes,
« Porém aos brutos não quero. »

« Morrerei; sera mais facil. »
Responde o pobre a chorar:
« Se eu deitar o meu cão fóra
« Ah! senhor, quem me ha de amar ? »

« Dizeis bem; são por instincto
« Nossos amigos os cães,
« Sois dous; ser-vos-hão dados
« D'ora em diante dous pães. »

Lythotypo de H. Schroeder.



Quadrivos vivos da companhia Kelle

Scene do quadro da Fome.